

CINCO PASSOS PARA RETOMAR E CONTINUAR A CAMINHADA¹

* Professor do programa de
Missionologia do ITESP.

Paulo Suess

Resumo:

Paulo Suess apresenta na forma de passos, uma síntese dos grandes desafios da atividade missionária da Igreja nos dias de hoje: a mudança de enfoque entre o território e a Igreja Povo de Deus; a passagem da ação missionário ad gentes para uma ação inter gentes especialmente a partir da experiência contemporânea na Ásia, a criação neste campo a partir do nada e a continuidade e rupturas tendo em mente a história, a centralidade do Reino na mensagem do Evangelho e não a Igreja e a emergência de novos caminhos da inculturação.

Palavras-chave: *Missionologia: desafios; Missão: mudanças; Missão: passos.*

Abstract:

Paul Suess using the metaphor of the steps write down a synthesis of the main challenges of the mission activities in the Church nowadays: from the idea of mission territories to Church as People of God; from the mission activities ad gentes to inter gentes (mainly from the Asian mission experiences), in this realm the creation activities ex nihilo and the continuity of the Church experiences having in mind their history and the possibilities of break trough, the central place of the God's Kingdom in the Gospel Message and not Church and the new ways of inculturation on the way.

Key words: *Missiology: challenges; Church Mission; Mission: New steps.*

¹ Contribuição à sessão solene de abertura de pós-graduação em teologia, com concentração em Missiologia, no ITESP, (27/02/2007).

Imaginemos que neste momento pré-Aparecida a Igreja latino-americana esteja esperando numa estação de ônibus. Já se passaram algumas horas e nenhum ônibus chegou. No outro lado da rua, na direção oposta, chega um ônibus depois do outro. Ao anoitecer, muitos estão tomando um ônibus de volta, **ao menos até o abrigo Vaticano II**. Alguns – certamente são da Igreja Caminho ou da Igreja dos Peregrinos que não baixam a voz quando falam da Teologia de Libertação – propõem caminhar na direção do destino, em vez de esperar mais algumas horas. Andam decidida e alegremente no ritmo dos cinco passos que seguem, nem samba nem tango.

1º PASSO DO TERRITÓRIO MISSIONÁRIO À NATUREZA MISSIONÁRIA DA IGREJA POVO DE DEUS

O Vaticano II iniciou processos eclesiológicos e pastorais que livraram a missão da Igreja de fixações a territórios geográficos. A Igreja se declarou Povo de Deus que é *por sua natureza* missionário. Desde seu batismo, os cristãos participam dessa natureza missionária como *adeptos do caminho* (At 9,2) e seguidores de Jesus Cristo. Ele é o primeiro missionário, enviado por Deus Pai-Mãe ao mundo.² Ele é o Caminho. E esse Caminho é escolha e escola. A partir dessa natureza missionária, a Igreja Povo de Deus procurou reconstruir a sua identidade, seus serviços pastorais e sua teologia. Ela procurou lentamente assumir o deslocamento de uma Igreja que tem missões territoriais sob a responsabilidade da Congregação pela Propagação da Fé (*Propaganda Fide*) ou de Ordens Religiosas, missões pelas quais faz coletas e pede orações, para uma Igreja na qual a missionariedade representa a orientação fundamental de todas as suas atividades e do seu ser, em nível local (nas comunidades), regional (nas dioceses e Conferências Episcopais) e universal (Cúria Romana). Nas relações entre as diversas instâncias eclesiais deve prevalecer o princípio da subsidiariedade, consagrado na Doutrina Social.

² *Ad Gentes*. São Paulo, Paulinas, 1966, nn. 2 e 6.

2º PASSO DA MISSÃO *AD GENTES* À MISSÃO *INTER GENTES*

A missão '*ad gentes*', no seu sentido tradicional, hoje, de fato, é missão '*inter gentes*', missão entre povos e continentes, entre Igrejas locais e comunidades. O paradigma da missão *inter gentes* surgiu no contexto do pluralismo religioso da Ásia, onde vivem mais de 60% da humanidade. É um contexto de diálogo

³ Cf. J. Y. TAN, *Missio inter gentes*. Towards a new paradigm in the mission theology of the Federation of Asian Bishops' Conferences (FABC). Em *Mission Studies*, 21(1) (2004), p. 65-95, aqui p. 82ss.

com as religiões, as culturas e os pobres. A teologia da missão da *Federação das Conferências Episcopais da Ásia/FABC* pode ser sintetizada como teologia da missão *inter gentes*.³ E nós, Igreja Povo de Deus da América Latina e do Caribe, ainda com algumas deformações da cristandade, podemos aprender muito da Ásia.

O paradigma da *missio inter gentes* corresponde ao espírito do Vaticano II: leva em conta a situação do pluralismo religioso e da diáspora crescente da Igreja no mundo de hoje; enfatiza a responsabilidade da Igreja local para a missão; quebra o monopólio de uma Igreja que envia missionários e uma Igreja que os recebe; admite a reciprocidade e conversão mútua entre agentes e destinatários da missão e da Igreja em seis continentes e valoriza o diálogo intercultural e inter-religioso; sublinha a missão não como uma atividade entre indivíduos, mas entre comunidades.

Vai ser importante que a ex-cristandade latino-americana se prepare para a nova situação religiosa que se apresenta concomitantemente como religiosidade popular herdada e diáspora do pequeno rebanho.

Quem são os *gentes* de hoje?

Nos primórdios do cristianismo havia três destinatários da Boa-Nova: os judeus, os cristãos e os pagãos. Pagão tornou-se sinônimo de "gente" (não-cristão e não-judeu). O Vaticano II contemplou a atividade e o ser missionário da Igreja no Decreto *Ad gentes*, o diálogo e as relações entre católicos e cristãos não-católicos no Decreto sobre o Ecumenismo (*Unitatis redintegratio*), e o diálogo e as relações com as religiões não-cristãs na Declaração *Nostra aetate*.

A expressão *missão 'ad gentes'* pode apontar em duas direções: na dos antigos pagãos, considerados sem verdadeira religião e que seriam hoje os que se declaram ateus, portanto, sem religião, ou em direção de povos de outros continentes ou países onde se encontram, como na América Latina, cristãos no meio de outras religiões e grupos sociais ou indivíduos que se declaram sem religião.

Mas para a América Latina e o Caribe, que passou por um aprofundamento na leitura da Bíblia e pela renovação de *Medellín*, *Puebla* e *Santo Domingo*, missão "*ad gentes*" significa seguir Jesus, convocar seus destinatários preferenciais, os pobres, e enviá-los como protagonistas de seu Reino. Em seus discursos axiais da Sinagoga de Nazaré (Lc 4), das Bem-Aventuranças (Mt 5) e do Último Juízo (Mt 25), Jesus de Nazaré é muito claro. Os protagonistas de seu projeto, que é o Reino, são as vítimas (*pobres, cativos, cegos, famintos, oprimidos, estranhos, enfermos*). Reconhecer o outro-pobre em sua dignidade e alteridade significa inclusão e participação.

Puebla dedicou uma das cinco partes de suas Conclusões à *comunhão e participação*.⁴ Impulsionar práticas significativas de participação do povo de Deus é uma expressão coerente da natureza missionária da Igreja. A partilha fraterna dos serviços e poderes dinamiza a opção pelos pobres através de uma *opção com os pobres, que são porta para a Vida*. Eles são os protagonistas e destinatários do projeto missionário, mas são também os representantes de Deus no mundo. Como missionários da missão universal *inter gentes* apontam para um outro mundo que é necessário, possível e real.

⁴ Documento de Puebla. São Paulo, Paulinas, 1979, nn. 563-891.

3º PASSO DA CRIAÇÃO DO NADA (*EX NIHILO*) À CONTINUIDADE COM RUPTURAS

Fazemos parte de uma caminhada de Deus conosco (história de salvação) e de uma caminhada da Igreja universal e latino-americana e caribenha. Não precisamos começar na estação zero nem inventar a roda. Na caminhada fizemos experiências transcendentais e históricas, experiências de Deus e de fé.

3.1. A caminhada da Missão

3.1.1. *Deus já está lá*

Onde a Igreja com suas missionárias e seus missionários chega, Deus já está presente. Ele nos precede em todos os povos. Cabe aos missionários e às missionárias ouvir como Deus agiu nos outros povos, ouvir seu clamor e perceber neles os sinais de ressurreição. Esse clamor faz parte de sua “história de salvação” (não confundir com a história da Congregação).

3.1.2. *Aparecida: mais um passo?*

Aparecida será a quinta Conferência, não a primeira. Poderá ser a quinta essência de toda a caminhada. As grandes contribuições, que a fila do povo e os próprios bispos elencaram desde *Medellín*, precisam ser realmente assumidas, recontextualizadas e transformadas em ações concretas.

3.2. Imperativos do Evangelho

As contribuições dessa caminhada podem ser nucleadas como imperativos que emergem do Evangelho:

3.2.1. Realidade como sinal

A assunção da realidade, compreendida como sinal de Deus no tempo, deve tornar-se novamente ponto de partida de qualquer reflexão teológica e ação pastoral, segundo o princípio do Santo Irineu: o que não é assumido não é redimido.⁵

⁵ Cf. Puebla 400.

3.2.2. Opção pelos pobres

A opção pelos pobres, que pode ser aprofundada em duas direções: como opção pela pessoa de Jesus Cristo, que se identifica com os pobres (Mt 25) e como opção *pelos* pobres e *com* os pobres, respeitando sua subjetividade e seu protagonismo na construção do Reino.

3.2.3. Lugar da Igreja Local

O reconhecimento teológico-pastoral da Igreja local, que exige mudanças estruturais; a Igreja local deve romper com qualquer tipo de tutela colonial e assumir sua idade adulta.

3.2.4. Um lugar dos ministérios

A ampliação, descentralização e reestruturação dos ministérios para que na prática pastoral possam responder à diversidade sociocultural, dispersão geográfica e necessidade espiritual do povo de Deus.

3.2.5. Participação comunitária

A participação qualitativa e diferenciada dos leigos, sobretudo das mulheres, na Igreja.

3.2.6. Co-responsabilidade

A co-responsabilidade significativa do povo de Deus na escolha dos seus pastores, sem os formalismos democráticos da sociedade civil, porém com regras de participação estabelecidas.

3.2.7. Formação

A formação dos agentes pastorais (diáconos, futuros padres, leigos) a serviço e na proximidade do povo simples e pobre.

3.2.8. Diálogo

A continuidade e aprofundamento do diálogo ecumênico e inter-religioso.

Tudo isso já foi decidido e textualmente assumido. A novidade de Aparecida pode emergir da síntese histórica, da assunção e operacionalização estrutural dessas decisões tomadas nas conferências anteriores. O povo de Deus está cansado de sempre se promoverem novas conferências, análises e interpretações sem encaminhamentos concretos.

Realizemos o que prometemos e aprofundemos essas caminhadas marcadas pela graça e pelo pecado, sem continuidade. *Medellín*, mas também *Puebla* e *Santo Domingo* descrevem essa continuidade com rupturas em termos teológicos como *conversão*, *criação nova*, *opção pelos pobres* e *libertação*. A Igreja *se evangeliza a si mesma* através da denúncia e da ruptura com o sistema que cria vítimas e do anúncio da Boa-Nova de um outro mundo que está se gestando no meio de nós.⁶

⁶ Cf. *Evangelii nuntiandi*, 15.

Os delegados da V Conferência precisam ter clareza sobre os passos concretos que devem, podem e querem dar. A voz do povo está documentada, a interpretação da realidade está ao alcance de todos, a alteridade dos povos indígenas e dos afro-americanos está ameaçada, o grito dos pobres e dos migrantes está no ar.

4^o PASSO DO ECLESIOCENTRISMO À CENTRALIDADE DO REINO

A comunidade missionária vive no interior da Igreja Povo de Deus, comunidade constituída por comunidades que vivem sua missão na luta pela vida a partir de sua fé. Essa missão não é uma entre muitas atividades da Igreja. Ela decorre de sua *natureza*, que tem sua origem no envio do Filho e na missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai. Falar da Igreja significa falar de missão. A estrutura dessa Igreja-Missão é trinitária. Ela é *Povo de Deus*, *Corpo do Senhor* e *Templo do Espírito Santo*.⁷

⁷ Cf. *Ad Gentes*, 2; *Lumen gentium* 17.

Por ser essencialmente missionária, a Igreja não vive para si. Ela não está nem se coloca no centro. Ela vive a serviço do Reino. Esse Reino é central para todas as suas atividades e reflexões. A meta da Igreja é o Reino de Deus (cf. LG 9). Ela é serva e testemunha do Reino. No Espírito Santo, é enviada para articular universalmente os povos numa grande *rede* (cf. Jo 21,11) de solidariedade. Do envio nascem comunidades pascais que tentam contextualizar a utopia do primeiro dia da nova criação. Das comunidades nasce o envio. A missão, com seus dois movimentos, a diástole do envio à periferia do mundo e a sístole que convoca, a partir dessa periferia, para a libertação do centro, é o coração da Igreja. Sob a senha do Reino, propõe um mundo sem periferia e sem centro.

Converter-se ao Reino é tarefa cotidiana dessa Igreja Povo de Deus. Suas realizações históricas necessitam permanentemente da *purificação, inspiração e animação* do Espírito Santo, que é o pai dos pobres. Por isso, são pobres os sinais que marcam sua trajetória: o vazio, a abertura, a partilha, a ruptura, a caminhada, a cruz e a hóstia sagrada. O presépio e o sepulcro estão vazios; a porta do cenáculo está aberta, a genealogia, interrompida pelo Espírito. Essa Igreja não tem pátria nem cultura, nem é dona de verdades. Ela é serva, peregrina, hóspede, instrumento, sinal. Mas ela tem rumo. Quem nasce e renasce ao pé da cruz, na fuga e na peregrinação, desconfia dos brilhantes falsos dos vencedores.

A missão da Igreja se realiza com urgência escatológica. O anúncio do Reino através da realização do *novo mandamento* é uma questão urgente, de vida e morte. A missão não pode esperar para amanhã porque a vida não pode esperar. *A caridade de Cristo nos compele* (2Cor 5,14) a destruir as estruturas da morte, interromper a lógica dos sistemas e questionar a lentidão das burocracias. A vida é sempre para hoje. Os sinais de justiça são para já. O anúncio da esperança é para agora. E essa esperança não deve ser imaginada como progresso quantitativo, numa sociedade de classes. No horizonte da justiça e da esperança está uma sociedade que supera a divisão de classes sociais. O anúncio do Reino é historicamente relevante para além da história, portanto, escatológico.

5º PASSO DA SUPERVISÃO À INCULTURAÇÃO

Na lógica do Reino, *os pequenos*, os que vivem do lado sombrio do mundo, são caminhos da verdade e porta da vida. Para eles, a comunidade missionária reserva sempre o melhor: o melhor tempo, o melhor vestido, o melhor espaço. As vítimas do anti-reino não são apenas os protagonistas e os destinatários do projeto de Deus; são lugar da epifania de Deus, por excelência. A questão social está estreitamente vinculada à questão da ortodoxia. Pecado significa indiferença diante da exploração dos pobres e do desprezo que sofrem. Neles, a Igreja reconhece *a imagem de seu Fundador pobre e sofredor*.⁸ No cristianismo, essa pobreza do próprio Deus tem muitos nomes: encarnação, cruz e eucaristia. *A pobreza é a verdadeira aparição divina da verdade*.⁹ A partir da teologia latino-americana, faríamos um acréscimo: *a pobreza vivida pelos pobres e diferentes, pelos que sofrem e pelos migrantes*. Sobretudo os migrantes de hoje representam Jesus Cristo em seu despojamento radical. Eles são portadores do Evangelho

⁸ Cf. *Lumen gentium*. São Paulo, Paulinas, 1977, n. 8c.

⁹ Cf. J. RATZINGER, *Der Dialog der Religionen und das jüdisch-christliche Verhältnis*. In RATZINGER, J (Ed.), *Die Vielfalt der Religionen und der Eine Bund*. Bad Tölz, Urfeld, 2003, 93-121, aqui 116.

do caminho. Uma Igreja a caminho é uma Igreja simples, transparente e pascal.

Com os pobres e os outros trabalhamos e convivemos com o culturalmente disponível. A solidariedade missionária se realiza através da inculturação concreta nos contextos. Não somos os supervisores do projeto de Deus nem das obras sociais que inspiramos. Meios sofisticados e lugares de comando são um contra-testemunho para a missão. A *supervisão*, muitas vezes, nos afasta do chão e dos rostos concretos dos pobres. A eficácia missionária não está nos instrumentos utilizados nem na liderança em *nossas obras*, mas na coerência entre a mensagem do Reino e sua contextualização, também através do nosso estilo de vida. Isso a reestruturação dos ministérios deve levar em conta. Entre todos os meios nunca deve faltar a partilha simbolicamente celebrada na Eucaristia. Ao repartir o pão, os discípulos de Emaús reconheceram Jesus ressuscitado. Só o pão repartido vai saciar a fome do povo.

Na mística da militância missionária procuramos, a partir de gestos alternativos, brechar a lógica do sistema: contra a exclusão propomos a participação, contra a acumulação, a partilha, e contra a exploração, a gratuidade. Na gratuidade se concretiza nossa resistência contra essa lógica que substituiu o *penso, logo existo* (Descartes) pelo *pago, logo existo* (custo-benefício). A Igreja Povo de Deus nasceu na festa do Espírito Santo (Pentecostes) que é Deus no gesto do *dom*. A gratuidade aponta para a possibilidade de um mundo para todos. Em Pentecostes, a comunidade missionária foi enviada ao mundo plural — na gratuidade e unidade plural do Espírito Santo.